

QUANDO DESCOBRIMOS A MATRIX!

Rafael Rossi¹

Maria Peregrina de Fatima Rotta Furlanetti²

O Programa de Educação de Jovens e Adultos – PEJA - trata-se de um programa vinculado à Pro - reitoria de Extensão da UNESP, que proporciona aos estudantes de graduação em licenciatura de diversas áreas: Pedagogia, Geografia, Matemática, etc., a oportunidade de adentrar nos desafios da prática de docência do cotidiano que a modalidade de ensino da Educação de Jovens e Adultos – EJA proporciona e instiga. Trata-se de uma dupla condição pela prática: enquanto educadores/as os estudantes percebem os compromissos político-pedagógicos que essa tarefa induz e exige no tocante à docência e à pesquisa, uma vez que semanalmente são realizadas reuniões coletivamente no interior do Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Popular – GEPEP, vinculado ao Departamento de Educação da UNESP, Faculdade de Ciências e Tecnologia de Presidente Prudente – SP. Em tais encontros discutem-se a preparação das aulas, seus conteúdos, abordagens, perspectivas e leituras que pelo viés do método marxista em educação permite “aprumar” nossas ações e reflexões no ambiente da sala de aula e em uma prerrogativa que aceita e compreende nossos educandos/as em EJA como parceiros de pesquisa e ensino, sendo que de maneira alguma estimulamos práticas que os resumem em análises contabilizadas de maneira maniqueísta a meros objeto de estudo, sem interferência e “voz”.

Nossa inserção no PEJA deu-se na sala de aula do bairro Parque Cedral desde fevereiro de 2012³, no entanto nossas reflexões remontam junto à formação deste grupo de pesquisa e estudos. Neste texto iremos expor algumas de nossas ações junto a essa

¹ Aluno mestrando em Geografia na UNESP/FCT de Presidente Prudente – SP. E-mail: rafaelrossi6789@hotmail.com

² Docente do Departamento de Educação da UNESP/FCT de Presidente Prudente – SP. E-mail: rotta@fct.unesp.br

³ No ensino de Geografia com base no relato aqui descrito neste ensaio.

modalidade de ensino dentro da referida sala de aula, que funciona em um salão da Paróquia Nossa Sra. do Perpétuo Socorro. Contudo, vale à pena afirmar que nossas experiências aqui expostas não nos servem para exemplificar e simplificar de modo imaturo como se fossem “receitas de bolo” a serem seguidas obviamente e sem reflexão com intuito de alcançar os mesmos resultados. Tal metodologia pode ser aplicada a algumas pesquisas nas Ciências Exatas, porém nas Ciências Humanas o debate e a discussão permitem raciocínios que almejem um “vôo de pássaro” possibilitando uma visão de conjunto, porém referenciados empiricamente pela práxis transformadora e emancipatória da classe trabalhadora, nossa principal interlocutora e inspiração. Nesse aspecto vale lembrar a proposição de Marcuse (2009) em que o mesmo defende que para caminharmos rumo a uma teoria social crítica, devemos ter em consideração ações para: expor, propor e politizar, o que acrescentaríamos: problematizando dialeticamente.

A sala de aula do bairro Parque Cedral possui seis educandos/as: dois homens e quatro mulheres e funciona do 5º ao 9º ano. Desses, cinco tiveram suas histórias de vida marcadas pelo ambiente do campo. Quando iniciamos o reconhecimento de suas trajetórias de vida e expectativas com a educação percebemos que as palavras “roça”, “luta” e “campo” se esboçaram com ênfase e de maneira constante. Assim, dentro da disciplina Geografia, a qual nos inserimos, começamos a pesquisar notícias, textos e atividades que nos ajudassem a tratar da questão agrária e os interesses presentes nessa temática, tendo como foco e objetivo central a desmistificação de discursos presentes na mídia, que em geral e predominantemente reforçam a visão “salvadora e progressista” do agronegócio correspondendo à ideologia dominante das classes que exercem hegemonia em muitas decisões do Estado capitalista brasileiro.

Para tanto, em nossas aulas iniciais trabalhamos o texto: “Concepções de Estado” de Gentil (2011a) em que a autora explicita as múltiplas definições e abordagens sobre o que é o Estado, porém dando enfoque na definição de Estado Ampliado do filósofo italiano Antonio Gramsci. É interessante pensar nessa abordagem, pois a autora delinea seus encadeamentos lógicos no interior do texto apresentando o Estado atrelado à luta de classes, isto é, permeado em muitos casos pelos conflitos oriundos da sociedade civil e da sociedade política. Nesse aspecto, vale salientar que oferecemos destaque à sociedade civil com relação aos movimentos sociais do campo, com exemplo do MST, visto que um de nossos educandos/as já fora militante desse movimento de luta pela terra

e por um projeto socialista para a sociedade brasileira. Tal atitude deu-se em função de nosso arcabouço de inspiração metodológica ser também os pensamentos e posicionamentos de Paulo Freire, em que para o mesmo devemos partir do cotidiano e da cultura popular como aporte para unir o saber científico ao saber popular, referenciando a teoria na prática vivida no dia-a-dia.

As políticas públicas neste contexto de opção metodológica também aparecem enquanto resultado de lutas, conflitos, consensos ou barganhas entre grupos e classes sociais que se enfrentam ou realizam alianças no interior do Estado. Com esse debate procuramos entender como o Estado se faz presente em nossas vidas, como podemos nos inserir politicamente na luta pela solução de problemas sociais comuns e, ainda, o poder de união e coletividade como estratégia necessária e urgente para maiores reivindicações. A fala de um de nossos educandos nos chamou a atenção e merece ser aqui reproduzida:

“Os movimentos sociais de luta pela terra são interessante, pois a gente pode perceber que é lutando que a gente mostra que os coronel também pode cair. Eles tem poder por que se junta e a gente se juntando fica maior que eles”.

A partir dessa fala fortalecemos nossa convicção de aprofundar nossas aulas para a questão agrária. Após as aulas de discussão sobre o texto de Gentil (2011b) pedimos que eles nos trouxessem alguma notícia em qualquer meio de mídia: jornal impresso, televisivo, internet, rádio, etc., sobre alguma ação da sociedade civil e da sociedade política. O exemplo que surgiu foi a notícia sobre o debate de terras devolutas no Pontal do Paranapanema, região em que se localiza o município de Presidente Prudente – SP e uma das maiores áreas de conflitos agrários do país. A decisão do governo em regularizar os títulos de propriedades rurais de até 500 hectares apareceu como indício da sociedade política em que estão presentes representantes e defensores do modelo de desenvolvimento agrário do agronegócio e a não aceitação dessa tomada de decisão pelos movimentos sociais do campo, com destaque para o MST apareceu como posicionamento da sociedade civil, pela Reforma Agrária.

Em seguida, trabalhamos o texto: “Cutrale é condenada por grilagem e desrespeitar direitos em tribunal popular”. Essa reportagem nos permitiu problematizar a respeito das ações da empresa Cutrale no município de Iaras, região de Bauru – SP, com

relação à forte e violenta coerção que trabalhadores/as do campo sofreram ao realizar pacificamente o ato de ocupação de uma das fazendas pertencentes a essa empresa. Novamente a palavra “luta” apareceu com força na opinião de nossos educandos/as, aos quais lembramos a frase: “A história de toda sociedade existente até hoje tem sido a história das lutas de classes” (MARX e ENGELS, 2003, p.26), a fim de explicitar que esses enfrentamentos entre classes sociais distintas como fruto de um processo histórico marcado em nosso país, no que concerne à questão agrária, por um contexto de alta concentração fundiária, de renda e da propriedade privada da terra e dos meios de produção.

Após essa fase, convidamos o Prof. Dr. Colaborador vinculado ao Departamento de Geografia da UNESP/FCT de Presidente Prudente: Carlos Alberto Feliciano. Nosso intuito foi trazer um pesquisador com envolvimento na área da Geografia Agrária de mais de 15 anos, cuja formação e engajamento posicionam-se a favor da classe trabalhadora do campo. Este convidado preparou uma apresentação em multimídia sobre os conflitos agrários na região do Pontal do Paranapanema e que foram pouco a pouco sendo contados e narrados em uma outra perspectiva: a dos camponeses, já que este professor teve durante seu doutoramento em Geografia o contato direto com militantes de movimentos sociais do campo. Essa experiência tem-se mostrado até os dias de hoje muito frutífera, pois nossos educandos/as mostraram-se entusiasmados com a discussão da questão agrária de um ponto de vista diferente daquele transmitido e disseminado predominantemente pela imprensa de maneira geral. Percebemos que toda semana a presença dos educandos/as nas aulas era maciça, apontando-nos pelo caminho de continuar discutindo os conteúdos educativos com base nas contradições sociais do sistema capitalista, embasadas no caso específico da questão agrária brasileira. Por isso a metáfora do título deste artigo: “bem-vindos à matrix”, em alusão ao mundo real descoberto pelo personagem Neo no filme Matrix do ano de 1999 e de direção dos irmãos Wachowski, já que nossos parceiros ampliaram suas visões de mundo e nesse processo nos “empurraram” junto, ou seja, arriscamos dizer que nosso aprendizado foi maior que o deles, já que o desafio em unir a linguagem científica da teoria acadêmica a partir da problematização oriunda do cotidiano exige um esforço constante de interlocução que, cada vez mais, nos deixa claro o caráter revolucionário que o educador/a pode – e em nosso ponto de vista, deve – assumir.

Retomamos o conteúdo discutido pelo Prof. Dr. Carlos Alberto Feliciano com o diálogo sobre o texto: “Movimentos Sociais do Campo” também de Gentil (2011). Neste, a autora aponta a necessidade de considerar na análise e estudo dos movimentos sociais o contexto em que ocorrem as relações sociais do campo, porém de forma geral, no Brasil, tal contexto possui como características: a predominância de latifúndios e de monocultura, a expropriação e exclusão de trabalhadores/as do campo, a resistência da agricultura familiar e dos movimentos sociais do campo, etc. Assim, mais uma vez conversamos sobre o conceito de luta de classes e de união para fazer valer nossos direitos, a fim de avançar rumo a um poder tático de reivindicação mais forte e maduro. Junto a essas atividades também apresentamos a música: “Cio da terra” de composição de Chico Buarque e Milton Nascimento e, ainda, o poema “O chão e o pão” de Cecília Meireles. Todos os textos eram lidos em sala de aula coletivamente, isto é, quem se habilitasse a compartilhar em voz alta o texto em debate. Após a leitura colocávamos na lousa as principais palavras que nos ficaram marcadas no intuito de perceber as “palavras-chave” de cada atividade, assim, terminávamos a aula com a sugestão de algumas perguntas para serem respondidas no próximo encontro, além de pedir para os educandos/as anotarem notícias que tivessem contato na mídia a respeito dos temas trabalhados.

Convidamos também os educandos/as a assistirem o lançamento do livro: “Dicionário da Educação do Campo” organizado por Roseli Salette Caldart, Isabel Brasil Pereira, Paulo Alentejano e Gaudêncio Frigotto; realizado no auditório da UNESP/FCT de Presidente Prudente – SP, no dia 10 de Maio de 2012, contando ainda com a presença de João Pedro Stedille e Bernardo Mançano Fernandes, sendo que de seis educandos/as, quatro compareceram com um brilho no olhar que em muito nos conforta e impulsiona no caminho do engajamento político-pedagógico. Ao final de todas essas ações, pedimos que eles escrevessem um pequeno texto respondendo a pergunta: “Qual modelo de desenvolvimento agrário é mais justo e saudável: o agronegócio ou a agricultura camponesa?” Intentamos com tal questionamento perceber o poder de síntese presente na escrita dos educandos/as uma vez que estes tiveram acesso a todas essas discussões e opiniões a respeito da questão agrária brasileira. Tomamos aqui a liberdade de reproduzir uma das respostas:

“O agronegocio mata nossas vida. Tira noso trabalio e nossas terra, joga veneno nos alimentu e nos plantiu. Por issu devemo luta pra fortalece os pequenu agricultor, pra pode alimenta todo mundo e ter mais paz no campo.”

Também apresentamos em sala de aula o texto: “Assembléia na Carpintaria” de autor desconhecido. O texto fala de uma reunião entre as ferramentas (martelo, lixa, parafuso, serrote, etc.) e os seus defeitos, sendo que quando o marceneiro aparece e usa todos os utensílios, consegue transformar uma madeira rústica em um fino móvel. Dessa forma, pode-se refletir sobre trabalharmos com as qualidades alheias e não focar somente nos defeitos. É importante afirmar que na aula em que esse texto foi usado uma de nossas educandas nos indagou: *“Por que somente as ferramenta percebeu isso quando o capinteiro chegou? Não poderiam ter descoberto sozinhas?”* Mais uma vez fomos surpreendidos de maneira positiva com a criticidade desses sujeitos. Aprofundamos nessa indagação apontando a importância da coletividade e em se colocar abertamente as questões e desafios que nos aparecem no dia-a-dia. A fim de partirmos do cotidiano e trabalhar a teoria, tomamos, por exemplo, a fábrica de sabão e tijolos que é sustentada com a força de trabalho dos educandos/as e demais fiéis da Paróquia Nossa Sra. do Perpétuo Socorro, local em que estas aulas ocorrem em salão à parte. Demonstramos que embora nem todos os que ajudavam em tal fábrica fossem íntimos e/ou amigos, todos estavam juntos contribuindo de alguma forma para fabricar sabão caseiro (para lavar louça e roupa) e tijolos, sem receber qualquer tipo de pagamento, a fim de que com a venda de tais produtos ajudarem nas despesas e necessidades da Igreja que freqüentavam, sendo assim um exemplo prático e real para introduzir a relevância do coletivo, além do fato de terem que discutir os rumos de tal fábrica, sua rotina e seu processo produtivo de maneira conjunta no diálogo, sem dessa maneira, necessitar de um “carpinteiro” ou alguém de fora para apontar as qualidades deles mesmos.

Sendo assim, nosso intuito nesse pequeno ensaio foi abordar algumas de nossas atividades com intuito de dialogar com outros educadores/as e suas experiências cotidianas que nos desafiam a cada instante na pesquisa e na ação engajada politicamente a favor da classe trabalhadora constituinte majoritária da EJA.

Referências Bibliográficas:

GENTIL, H. S. **Concepções de Estado**. Caderno Pedagógico I – Educação do Campo, vol.1, no.1, 2011a

GENTIL, H. S. **Movimentos Sociais do Campo**. Caderno Pedagógico I – Educação do Campo, vol.1, no.1, 2011b

MARCUSE, P. **From critical urban theory to the right to the city**. *City* 13: 185–197. 2009

MARX, K.; ENGLES, F. **Manifesto Comunista**. Instituto José Luís e Rosa Sundermann. 2003.